

ARAJARYR MOREIRA CAMPOS, MULHER E BRASILEIRA: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA LUTA CONTRA O SALAZARISMO

Hélio Gustavo da Silva Andrade¹

¹Historiador e especialista em História, cultura e poder - Universidade do Sagrado Coração (USC)
Bauru/SP, gustavo-andrade@hotmail.com

RESUMO

Arajaryr Moreira Lima, brasileira, conheceu o General Humberto Delgado, importante militar, político e ativista português, no exílio do mesmo em terras brasileiras. O encontro levou-a a tornar-se secretária do lusitano e posteriormente sua parceira na luta contra o regime ditatorial lusitano. A partir desta ótica, o presente trabalho visa analisar o papel da mulher no Estado Novo sob a perspectiva da atuação de uma cidadã do Brasil contra o Salazarismo. Para isso, realizou-se ampla pesquisa bibliográfica tanto na biografia de Delgado quanto no diário escrito por Arajaryr e publicado após seu falecimento. Além disso, usou-se obras suplementares que relatam o cotidiano do Portugal Salazarista e a questão feminina durante o mesmo. Ressalta-se a importância do presente trabalho devido ao anonimato que jaz o nome de Arajaryr, principalmente em sua terra natal, o Brasil. Fato curioso, uma vez que essa mulher, brasileira e ativista, deixa para trás seu país a fim de lutar pela liberdade dos “irmãos” lusitanos d’além mar.

Palavras-chave: Arajaryr. Humberto Delgado. Liberdade. Mulher.

INTRODUÇÃO

Produzir conhecimento a partir de uma obra biográfica é sempre um grande desafio devido sua forte carga subjetiva. No entanto, as impressões pessoais do autor podem, a partir de nossa leitura, nos oferecer uma experiência ainda mais rica, já que se pode vislumbrar até que ponto seu protagonista mexe com as emoções humanas.

Em seu texto “Grandezas e mistérios da biografia”, contido no livro “Fontes Históricas”, organizado por Carla Pinsky, Vavy Pacheco Borges (p.215) afirma ser a biografia uma fonte para conhecer a história, ainda mais, a autora diz que “[...] a razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade que ela viveu”. Assertiva, de fato, muito pertinente ao presente artigo, visto que são utilizadas como fonte histórica, duas biografias, a do General Humberto Delgado e de sua secretária Arajaryr Moreira campos, que é o ponto principal a ser trabalhado nesta pesquisa.

Mas, de forma tão evidente, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte de conhecimento do ser humano: não há nada melhor para se saber como é o ser humano do que se dar conta de sua grande variedade em espaços e tempos diferentes. (PINSKY,2006, p.215)

E é justamente com o intuito de conhecer melhor Arajaryr e a motivação que a levou sair do Brasil e seguir Delgado para Europa, a fim de lutar contra Salazar, que o presente trabalho se debruça. Isso sem esquecer, obviamente, de entender melhor o contexto e a teia de relações entre o Estado novo, Delgado e Arajaryr, a brasileira que lutou contra Salazar.

Recentemente, no dia 15 de abril de 2016, a Assembleia Municipal de Badajoz – cidade espanhola junto à fronteira portuguesa e distante 404 quilômetros de Madri – decidiu por unanimidade incluir à toponímia da cidade os nomes de Humberto da Silva Delgado ou simplesmente General Humberto Delgado e Arajaryr Moreira Campos. Uma decisão que atende, em especial, o pedido feito pela Associação para a Recuperação da Memória Histórica de Extremadura (ARMHEX). Para a associação, que trabalha em prol da memória da região (Extremadura) que faz parte tanto de do território lusitano como do espanhol, a decisão corresponde a "um acontecimento extraordinário, de memória, reparação e de geminação com o povo português" (RTP, 2016).

Os fatos especificados até aqui poderiam corresponder, apenas, ao cotidiano do corpo legislativo de uma cidade, porém, o ocorrido na localidade espanhola põe em evidência um controverso período da República Portuguesa, o Salazarismo. Ainda mais, a decisão de nomear logradouros públicos pacenses com o nome de dois personagens da luta contra o Estado novo português, revelam uma interessante ligação entre Brasil e Portugal, sendo a Espanha seu derradeiro palco.

Para uma compreensão mais ampla dessa relação, se faz necessário entender, antes de tudo o Estado Novo em Portugal.

Comumente, há uma confusão entre Salazarismo e Estado Novo, algo compreensível, mas que não representa a realidade desse período na histórica lusitana. Após a queda da monarquia em 5 de outubro de 1910, e instauração da 1ª República, Portugal continuou em crise e instabilidade, não tendo sido resolvidos problemas que assolavam o país desde antes da mudança de regime. A instabilidade continuou até 1926, quando um golpe militar inicia uma fase ditatorial no país. Em 1928, António Oliveira Salazar, professor da Universidade de Coimbra, é convidado a assumir o Ministério das Finanças, e obtendo êxito no cargo, em 1932 é nomeado presidente do Conselho de Ministros, o equivalente a chefe de governo.

Entre sua chegada ao governo e sua ascensão a líder do mesmo, Salazar se promoveu peça fundamental, tendo, ao assumir Portugal, levado a plebiscito uma nova constituição, que ao ser aprovada deu-lhe lastro para a fundação do Estado Novo em 1933, um período nitidamente fascista na história portuguesa, que teve dentre algumas características a instauração de um partido único, censura à imprensa, controle ideológico e um forte apelo nacionalista. Salazar se mantém no governo, como Ditador absoluto, até 1968, quando se afasta devido a um derrame cerebral, era o fim do salazarismo. Entretanto, o Estado Novo perdura até a Revolução de 25 de abril de 1974. Portanto, o presente artigo tratará Salazarismo e Estado Novo como sinônimos, uma vez que o recorte temporal que será trabalhado tem Salazar ainda no poder.

Desse modo, é interessante entender um pouco melhor como as relações de poder se davam no período.

[...] O supremo requinte do Ditador é ter acima dele um Presidente da República fantoche – sempre um militar de alta patente para comprometer o exército na corrupção do país – que é teoricamente o responsável máximo, já que, segundo a Constituição, ele pode demitir o Chefe de Governo. (Novais e Robles, 1974, p.51)

Seguindo essa linha, cria-se uma relação entre o Presidente da República, o General Óscar de Fragoso Carmona – que presidiu o país desde a ditadura militar, mantendo-se no Estado novo – e o Salazarismo, de modo que Carmona é reeleito consecutivamente até sua morte em 1951.

No entanto, apenas em 1948 ocorrem as primeiras eleições presidenciais nas quais um candidato da oposição, o General Norton de Matos, se opõe a Carmona. Norton de Matos retira-se poucos dias antes das eleições. Depois da morte de Carmona, é novamente eleito o candidato salazarista: General Higinio Craveiro Lopes. O candidato da oposição pelo Movimento de Unidade Democrática, o professor Rui Luis Gomes – ilustre matemático – é recusado como candidato pelo Conselho de Estado, submetido a julgamento político e enviado para a colônia penal de Santa Cruz do Bispo. O outro candidato, o Almirante Quintão Meireles, desiste.

As eleições de 1958 chegam, e o arquiteto Artur Andrade incita o General Humberto Delgado a concorrer como candidato a presidente. O que de fato ocorre.

O General segue em sua campanha, discursiva e vai para as ruas, trazendo sobre o Salazarismo uma névoa até então inexistente, o risco do poder estabelecido ser derrotado nas urnas. Devido a isso, há perseguição por meio da polícia e da censura, mesmo assim Delgado arregimenta um grande número de portugueses a favor de sua campanha, que sai vitoriosa das urnas no dia 08 de junho. Todavia o governo derrotado adultera as eleições, de qualquer modo, o Estado Novo admite votos expressivos contra o candidato governista. A partir de então, o destino do General Delgado mudava de rumo.

Em 10 de Junho, dois dias depois das eleições, o “New York Times” escrevia profeticamente: “O General corre agora o risco de ser preso, por ter cometido o “crime” de se opor vigorosamente ao regime de Salazar”. (Novais e Robles, 1974, p. 57)

O General impugna as eleições e pede que o Presidente da República reavalie a situação eleitoral do país. A resposta para o pedido vem em forma de alteração da constituição, determinando que as eleições sejam indiretas e realizadas no parlamento, local onde o salazarismo possuía a grande parte do quórum. Tal fato selou de vez o destino de Delgado, entrando em cena uma nova realidade na vida do militar: o exílio.

Em paralelo aos acontecimentos que cercavam o processo eleitoral português, o embaixador Álvaro Lins trabalhava para a concessão de asilo a Humberto Delgado, o que após morosa batalha contra a ditadura lusitana e árduo diálogo com o governo brasileiro, é concedido. O general chega ao Brasil em 21 de abril de 1959 e desde então inicia uma cruzada contra o governo instaurado em Portugal. A partir do Brasil, são feitas denúncias sistemáticas contra o Salazarismo, defendendo uma revolução comandada pelo povo e auxiliada pelas Forças Armadas. É neste ponto que a atenção internacional começa a ser chamada para o país ibérico e sua situação política.

E é no Brasil que o militar se organiza e parte de volta para Europa a fim de lutar pela derrocada de Salazar.

ARAJARYR: A SECRETÁRIA BRASILEIRA

Prestar homenagens é uma das características que atribuo ao trabalho de historiador. Ao escrever o presente artigo, antes de nada, pensei que esse seria seu maior legado, trazer à

luz a memória de uma mulher brasileira que se doou pelos ideais de liberdade de uma terra estrangeira e que amarga o desconhecimento dos cidadãos de seu próprio país. Reconhecer o trabalho de Iva Delgado, filha do general, portuguesa, que se prestou a honrar aquela que batalhou pelos ideais de seu pai. Mas não menos importante, salientar o papel da mulher na luta pela construção da democracia.

À figura de Arajaryr, relaciono a famigerada frase dita por Dom Quixote a seu escudeiro.

A liberdade, Sancho, é um dos dons mais preciosos, que aos homens deram os céus: não se lhe podem igualar os tesouros que há na terra, nem os que o mar encobre; pela liberdade, da mesma forma que pela honra, se deve arriscar a vida, e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pode acudir aos homens. (CERVANTES, 2013, p. 461)

O ano de 1958 havia sido intenso em Portugal. Pela primeira vez surge uma força capaz de enfrentar o Salazarismo, a candidatura de Delgado. A campanha eleitoral portuguesa ganhava contornos internacionais, em especial, no território brasileiro, país com muitos dissidentes do regime e com relações históricas muito fortes diante da antiga metrópole.

Em 1958, um ano antes de conhecer Humberto Delgado pessoalmente, Arajaryr Campos acompanhou pela imprensa do Rio de Janeiro – cidade onde nascera vinte e oito anos antes – os acontecimentos polvorosos que estavam a ocorrer em Portugal. Os jornais brasileiros fizeram uma pesada cobertura da campanha eleitoral do General Sem Medo, em contraste com o pesado clima de censura na ditadura salazarista. (DELGADO, p.08, 2006)

De fato, Arajaryr Moreira Campos relata em suas memórias que soube da existência de Delgado, via imprensa, bem antes de conhecê-lo pessoalmente, sendo muito divulgada a campanha presidencial portuguesa, no Brasil, por ir contra o salazarismo, a obscuridade e falta de informações precisas sobre o país no cenário internacional, situação que Portugal vivenciava há praticamente três décadas; e que mudou radicalmente com uma célebre resposta que selaria o futuro do candidato opositor rumo ao exílio.

A 10 de maio de 1958, no café Chave d' Ouro, no número 38 do Rossio, em Lisboa, o candidato da oposição às presidenciais deu a conferência de imprensa em que o correspondente em Lisboa da agência noticiosa France Presse (AFP), Lindorfe Pinto Basto, fez a pergunta.

“Senhor general, se for eleito Presidente da República, que fará do senhor Presidente do conselho?”[...] “Obviamente, demito-o!”. (LUSA, 2015, s/p)

O “obviamente, demito-o!” colocou o general em uma situação muito mais complicada perante o regime, principalmente por que considerava demitir Salazar, algo impensável até então, visto que os presidentes da república eram figuras decorativas à serviço do fascismo português. No entanto, a frase correu a imprensa internacional, e Arajaryr, como relatado por sua estudiosa, Iva Delgado, já nutria grande afeição pelas liberdades democráticas, sendo uma admiradora do general, mesmo antes de imaginar que um dia o próprio estaria no Rio de Janeiro como exilado político.

Como asilado político, o opositor mor de Salazar não poderia fazer do Brasil palanque político, como ficou acordado para sua vinda ao país. Porém, era necessário arrumar meios

para continuar sendo um ativo opositor e contornar a legislação que o permitia estar em solo brasileiro. Para isso, o general conta com o auxílio de Luís Carvalho, presidente e fundador da fundação Humberto Delgado, no Rio de Janeiro. Como citado por Paulo (2003, p.39) essa “[...] agremiação reunia alguns exilados e emigrados políticos com um longo historial de combate”, ali haviam anarquistas, o monarquistas, comunistas e até mesmo velhos republicanos. Ainda assim, Heloísa Paulo (2003, p.39) explica que em sua maior parte, “[...] a associação era composta por emigrantes que, ideologicamente, não podiam ser identificados com nenhuma corrente política específica.”

Na verdade, a Associação General Humberto Delgado era fruto da “aura” construída em torno de Delgado, que, nesse momento, despontava como um personagem ímpar para os emigrados políticos, sendo visto, por alguns, como a única possibilidade de se fazer frente à influência de Salazar, tão presente entre a colônia portuguesa no Brasil. (PAULO, 2003, p.39)

E é nesse contexto que, assim que chega ao Brasil, Humberto vê como questão urgente contratar uma secretária para auxiliá-lo em seus afazeres. Para ele, a questão merecia um trato especial, que em comunicação com Luís Carvalho expõe que o problema da secretária não seria algo simples de resolver sem recorrer ao método convencional como os anúncios em jornais e as entrevistas de emprego, pois era necessário verificar competências, apresentação e modos das candidatas, como relata Iva Delgado (2003). O general estava preocupado com o comportamento profissional e conhecimentos técnicos de sua secretária, já que a mesma teria que lidar com instituições oficiais, internacionais. Além de uma variada gama de autoridades.

Dentre as candidatas, Arajaryr Moreira Campos chega de forma tardia, como ela mesma relata, ao dizer que no dia 27 de maio de 1959, estava na casa do tesoureiro da Fundação Humberto Delgado, Horácio Ribeiro, em virtude da comemoração dos anos da filha do mesmo, quando tem a oportunidade de conhecer o general.

Dias antes, ainda por intermédio de Horácio Ribeiro chegara-me a consulta: queria eu ser a secretária de Humberto Delgado? Ao tempo não tinha mais intenção de voltar a trabalhar fora da minha casa, mas confesso que me atraía muito a ideia de cooperar com um homem culto e que era nada menos que o Presidente eleito de Portugal. (DELGADO, 2003, p. 37)

Desejo que converge com a descrição dada por Iva Delgado (2003) sobre a secretária e apoiadora de seu pai, que a coloca como uma mulher de espírito irrequieto, oposicionista ferrenha, e a cima de tudo contra ditaduras, pois não conseguia conceber que no século das democracias ainda houvessem países que tratassem seu povo como cordeiros. A própria Arajaryr, afirma ser esse o motivo se simpatizar e se unir a causa da oposição portuguesa.

Campos consegue a vaga de secretária, pois além de suas convicções ideológicas, ela era datilógrafa, taquígrafa e fluente em inglês, francês, alemão e italiano, além do português, sua língua pátria. Acrescenta-se o fato de ser considerada organizada e muito afeita as relações públicas. Habilidades que combinadas acabaram por garantir sua contratação e rápida ascensão dentre os quadros oposicionistas no exílio.

Arajaryr Moreira Campos, 28 anos, havia sido Castro, mas estava desquitada e logo deixou de utilizar o sobrenome do ex-marido. Algo relevante é que possuía uma filha considerada por ela a única coisa boa de um casamento fracassado. A mulher – filha de

portuguesa e espanhol – se considerava, antes de tudo, carioca e brasileira, sendo sua afeição pela luta anti-salazarista mais uma questão de ideologia do que de ligações genealógicas.

Como secretária, Campos rapidamente ganha relevância dentro do movimento, já que devido suas habilidades intelectuais e o fato de ser brasileira, favorecem fortemente a atuação do general em solo tupiniquim. Não demora; e além do papel de organizar e cuidar de questões burocráticas da oposição portuguesa, a profissional passa participar de operações mais práticas, todas visando a derrubada do salazarismo em Portugal. É nesse período que Delgado percebe que devido à distância, a heterogeneidade de pensamentos e até mesmo as fortes relações que o salazarismo tinha no Brasil, principalmente com a imprensa controlada majoritariamente por Assis Chateaubriand e apoiador velado de Salazar. Além disso, não era raro as incursões da PIDE, a polícia política portuguesa, em território brasileiro, a fim de acompanhar os passos dos detratores de Oliveira Salazar. Com esta percepção, Delgado decide que é preciso estar mais próximo de Portugal para articular a derrubada do regime de tendência fascista.

Iva Delgado (2003), afirma que o plano inicial de seu pai era rumar para África, mais precisamente Luanda e de lá provocar uma revolta, estabelecer um governo no exílio, para só depois chegar a Portugal. A ideia criou grande cisão na oposição portuguesa e acabou decidido que o general partiria para Portugal via Marrocos e Espanha e lá tentaria uma insurreição contra a ditadura portuguesa.

Por levar em consideração os perigos da missão, não estava nos planos do general ir acompanhado de Arajaryr para o exterior.

Antes pelo contrário, preocupado em deixar os seus assuntos em mãos competentes, passou-lhe uma procuração, a 4 de setembro de 1961, com amplos poderes relativos a questões tão diversas como os vencimentos da firma onde trabalhava, os direitos de autor das Memórias do General Humberto Delgado, o apartamento em São Paulo – **nesta época Delgado e campos estavam atuando na capital paulista** –, etc. Não estava portanto nos planos de Humberto Delgado envolver diretamente Arajaryr Campos na viagem secreta a Portugal.(DELGADO, 2003, p.23, grifo nosso)

O fato é que ficar no Brasil não estava nos planos Arajaryr, ela havia se entregado a causa e queria participar ativamente de todos os passos da oposição. A única questão que a prendia no Brasil era sua filha, Rosângela. De forma cuidadosa tentou salvaguardar o bem-estar da filha em relação a tutela da menina em sua ausência, que ficou a cargo do pai e da avó paterna, porém com garantias de que levariam a menina regularmente em visita aos parentes maternos, para que a criança não os esquecesse, porém, como relatado em suas memórias, ela afirmava ficar fora apenas por uns meses e tão logo voltasse queria a guarda da filha novamente, pois seu maior sacrifício seria o afastamento de Rosângela.

Assim, partiram rumo o Marrocos Arajaryr e seu patrão e amigo, ressalta-se que a secretária fez questão de pagar os gastos da viagem com seus próprios fundos. Talvez, uma prova a mais de seu comprometimento em prol da libertação e democracia portuguesa.

Foram ao Marrocos, de lá se separaram para conseguirem entrar em Espanha sem serem reconhecidos, estando o general com um passaporte português falsificado e Arajaryr com o seu verdadeiro. De Sevilha partem para Lisboa, local em que o plano começa a ser concretizado. O general por intermédio de sua secretária, começa a fazer contatos e reencontrar antigos aliados, dali partem para localidades como o Porto e o Alentejo, já no crepúsculo de 1961.

E foi justamente em 31 de dezembro de 1961, que o golpe de estado de caráter militar-civil tem origem no 3º regimento da Beja, cidade alentejana. A tentativa organizada por Humberto Delgado adentrou a madrugada, porém foi debelada no alvorecer de 1962. Seu mentor, Delgado, teve de abortar o plano de golpe, já que a tentativa de derrubar Salazar havia sido facilmente abafada. Fator que Delgado atribuiu, posteriormente, a falta de organização e problemas de comunicação como referido pelo historiador Joaquim Serrão (1988). O insucesso da tentativa de golpe, tornou sem necessidade o risco corrido por Arajaryr, que havia viajado por território hostil, tendo na mala a farda de gala do general mais um pronunciamento, que tivesse caído Salazar, Delgado faria via tv e rádio. Após o fracasso, a dupla de opositores ainda passou algum tempo na Europa e Marrocos, rumando para Argélia, para estar mais próximo de Portugal.

Foi observado durante cada leitura e pesquisa, que a secretária, ao mesmo tempo que seguia o general, acreditava piamente que o dia de se reunir com os seus e principalmente com sua filha estava mais próximo, talvez fruto de uma crença inabalável de que a queda do regime estava próxima. Como pode ser visto abaixo.

<<Quando você souber escrever faz uma cartinha para a mamãe.>> Passado dias tem uma enorme alegria: <<adorei a tua carta. Foi você que escreveu tudo? Se foi, é um espetáculo!!! Não quero que me trate de senhora, quando escrever fala: você está passando bem? É mais amigo e você será tratada diferente. A mamãe é uma amiga e não um “bicho papão”! Breve viveremos juntas, pois pretendo regressar antes dos meus anos. >> (Delgado, 2003, p. 89)

O encontro entre mãe e filha jamais aconteceria.

Já há algum tempo, a brasileira não se preocupava muito em esconder seu paradeiro ou identidade. Na verdade, se correspondia abertamente, principalmente com a filha, utilizando sua identidade e endereço verdadeiro. Não se preocupava em viajar com passaporte falso, era sempre o seu documento original. Por trás disso, talvez a ingenuidade de se sentir protegida por sua nacionalidade brasileira. Mas três anos haviam se passado e em 1965 o Brasil que Arajaryr tanto agradecia por ser democrático já não existia mais, o seu país sofria do mesmo mal que assolava Portugal, uma ditadura.

Fruto de sua ingenuidade ou não, a PIDE sabia muito bem quem era Arajaryr e com quem ela trabalhava. E mais, havia um plano já em execução para o assassinato de seu chefe e amigo.

De acordo com Novais e Robles (1974), o dia 13 de fevereiro de 1965, o derradeiro para a dupla de opositores, ocorreu devido a um bem orquestrado plano de eliminação de Delgado. Ernesto Lopes Ramos, um agente da PIDE que se fazia passar por opositor, intermedia entre o general e supostos opositores, de Lisboa, um encontro a fim de planejar a derrubada de uma vez por todas do salazarismo.

O encontro era um embuste. Marcado para ocorrer na zona rural de Villanueva del Fresno, localidade pertencente a Badajoz e muito próxima à fronteira portuguesa foi o cenário para um duplo assassinio. Frederico Rosa Delgado (2015), biógrafo e neto do general, afirma que ambos foram conduzidos a uma área erma, em um automóvel. Delgado e Campos, não tardaram para perceber que era uma cilada. Antes que reagissem, o general foi atingido por um tiro de pistola, ao partir em seu socorro, Arajaryr é acertada, também, por um projétil. Era finda a luta em prol da redemocratização portuguesa por dois dos personagens mais icônicos da luta contra Salazar.

CONSIDERAÇÕES

Ainda festejado como uma figura exponencial da resistência anti-salazarista, o General Humberto Delgado é uma daquelas figuras que constam no rol dos heróis nacionais de seu país. Na atualidade, o antigo aeroporto da Portela, local pelo qual Delgado partiu rumo ao exílio, recebe os passageiros que chegam ao país ostentando o nome do “general sem medo”. Uma infinidade de logradouros públicos, em sua terra natal, ostentam o nome do homem que ousou cogitar demitir Salazar. Homenagens válidas. Entretanto, o que chama a atenção é o esquecimento ao qual Arajaryr Moreira Campos foi relegada. Nenhuma praça, rua, avenida, alameda ou largo. Aos portugueses, se perguntados sobre a brasileira, provavelmente não farão ideia de quem seja. Entre os brasileiros creio que a situação seja pior. O mais interessante é que em seu período de atividade a secretária era conhecida, inclusive pela mídia, que cobria de modo aplicado os passos do general.

Talvez o estrago tenha sido maior ainda nas relações pessoais da secretária, como citado no diário da mesma (DELGADO, 2003. p. 29) já que “esta não era uma história fácil de se contar a uma menina de sete anos, e por isso a saga de Arajaryr foi ocultada à sua filha, que só aos catorze anos ouviu, da boca de uma colega na escola, que a mãe tinha sido assassinada pela polícia política portuguesa”. O tabu que construíram ao redor da pequena tinha paredes muito sólidas.

Paredes essas rompidas apenas em 1995, quando em uma cerimônia em homenagem a Arajaryr, organizada pela Confederação das Mulheres do Brasil, Rosângela pode ouvir de Iva Delgado, filha do general, que sua mãe, a secretária que lutou contra Salazar era uma heroína.

A historiadora Irene Flunser Pimentel, em seu livro *A cada um o seu lugar: a política feminina do Estado Novo* (2011), traz uma imagem nítida da figura feminina dentro do salazarismo, na qual, a partir de conceitos pré-fascismo, tendo a mulher como mãe, esposa e religiosa, juntando isso, posteriormente, a ideia de uma, mulher portuguesa, como defensora do regime de Salazar. Princípios que por mais que tenham evoluído, ainda hoje fazem algum sentido na sociedade lusitana.

Por outro lado, Iva Delgado (2003) relata em seu livro, a desconfiança que opositores radicados no Brasil, tinham em relação a presença de uma mulher como secretária. Muitos achavam que um homem seria mais proveitoso no papel de assistente de Humberto Delgado.

A grande motivação para escrever o presente artigo foi trazer a luz uma figura de tão importante envergadura, em seu tempo. Que com a ingenuidade e a determinação que só as ideologias podem suscitar, deixou os seus para lutar pela libertação de um povo, que mesmo não sendo o seu, para ela, eram merecedores das benesses das democracias e das liberdades individuais.

Como encerramento, nada mais justo que a justificativa da própria Arajaryr Moreira Campos.

Não seria sincera se não lhes contasse que eu própria paguei do meu bolso a minha passagem aérea de ida e volta e que há dois anos trabalho exaustivamente para a oposição portuguesa, sem auferir um único centavo. Estarão pensando os meus caros amigos se é possível existir na época atual alguém que trabalhe voluntariamente por uma causa destas, sem ser portuguesa e sem ser rica. Porquê, então, o faço? Porque nasci numa terra democrática e também porque nas minhas veias corre um pouco do sangue português. [...] sei o que representa essa ignóbil palavra ditadura, porque escutei, vi e senti seus efeitos. É pensando na liberdade e democracia de minha

pátria que tenho procurado colaborar com esta causa justa e nobre. Creio que em breve há-de irromper no país irmão uma nova época, cheia de Fé e Esperança para aqueles que tanto têm sofrido nos cárceres, no exílio, longe de seus entes queridos que ficaram em Portugal, sem pão e sem liberdade de expressão. (DELGADO, 2003, p. 70)

REFERÊNCIAS

CERVANTES, Miguel. **Dom Quixote**: Livro II. São Paulo: 34, 2013. Tradução Sérgio Molina.

DELGADO, Iva. **Uma Brasileira Contra Salazar**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003

LUSA, Agência. “Obviamente demito-o!”, a frase famosa de Humberto Delgado com várias versões. **Observador**. Lisboa, p. 01-01. 10 fev. 2015. Disponível em: <<http://observador.pt/2015/02/10/obviamente-demito-o-frase-famosa-de-humberto-delgado-com-varias-versoes/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

PAULO, Heloísa. O EXÍLIO PORTUGUÊS NO BRASIL NAS DÉCADAS DE CINQUENTA E SESSENTA. **Cadernos de Ceru**, São Paulo, v. 23, n. 2, p.33-50, 20 maio 2013.

PIMENTEL, Irene Flunser. **A cada um seu lugar**: a política feminina no Estado Novo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 304 p.

ROBLES, Mariano Romero-Robledo; NOVAIS, José António. **Humberto Delgado**: assassinato de um herói. Lisboa: Liber, 1974. 271 p.

ROSA, Frederico Delgado. **Humberto Delgado**: biografia do general sem medo. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2015.

ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. **Análise Social**, Lisboa, v. 157, n. 35, p.1031-1054, dez. 2001. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41011481?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 02 maio 2017.

RTP Notícias (Portugal). Agência Lusa (Ed.). **Humberto Delgado e Arajaryr Campos vão entrar para a toponímia de Badajoz**. 2016. Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/cultura/humberto-delgado-e-arajaryr-campos-va-entrar-para-a-toponimia-de-badajoz_n911497>. Acesso em: 15 abr. 2016.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal**: Volume XVIII. Lisboa: Bibl, 1988.

ARAJARYR MOREIRA CAMPOS, FEMALE AND BRAZILIAN: FEMININE PARTICIPATION IN THE FIGHT AGAINST SALAZARISM

ABSTRACT

Arajaryr Moreira Lima, a Brazilian, met General Humberto Delgado, an important Portuguese military, politician and activist, in the exile of the same one in Brazilian lands. The meeting led her to become secretary of the Lusitanian and later her partner in the struggle against the dictatorial regime of Lusitano. From this point of view, the present work aims at analyzing the role of women in Estado Novo from the perspective of the actions of a Brazilian citizen against Salazarism.

Keywords: Arajaryr. Humberto Delgado. Liberty. Woman.